

A QUINZENA

PROPRIEDADE DO CLUB LITTERARIO

ANNO 1

GERENTE — JOSÉ OLYMPIO DA ROCHA.

N.º 65

FORTALEZA, 26 DE AGOSTO DE 1887.

REDACÇÃO :

JOÃO LOPES, JOSÉ CARLOS JUNIOR, ABEL GARCIA, A. MARTINS, OLIVEIRA PAIVA, ANTONIO BEZERRA, JUSTINIANO DE SERPA, PAULINO NOGUEIRA E MARTINHO RODRIGUES.

SUMMARIO

Expediente;
Apontamentos esparsos. — JOSÉ CARLOS JUNIOR;
A Iguéz. — BRUNO JACY;
O Justo. — J. MARTINS;
O papagaio. — PAULINO NOGUEIRA;
Abysmo... — J. G.;
Os quinze dias. — J. L.;
Sciencias naturaes. — RODOLPHO THEOPHILO;
Annuncios.

EXPEDIENTE

Assignaturas

	CAPITAL
Trimestre.	2\$000
Semestre	4\$000
Anno	8\$000
INTERIOR E PROVINCIAS	
Semestre	5\$000
Anno	10\$000

ADMINISTRAÇÃO

Rua do Major Facundo 56

Apontamentos esparsos

I

Pessimismo — é a nota dominante na litteratura hoje em dia, e o oriente da Europa é que toma a dianteira no encaminamento das novas escolas.

Algumas considerações sobre esses dous factos, intimamente ligados um ao outro.

Do mundo slavo é que nos tem vindo por diferentes vezes e segundo a feição dominante de cada epoca o sopro do pessimismo, que presentemente anima as litteraturas occidentaes. O realismo russo, naturalismo crú, que desenvolveu-se desde Bulgarine até Dostoiewsky e Bjelinsky, teve o seu echo em França; Juliusz Slowacki, o tenebroso poeta polaco, a quem Mickiewicz chamou o Satanaz da poesia, trouxe para o occidente o germen da escola satanica, que desde Baudelaire, mais ou menos accentuado em grande parte da nova geração litteraria, está se fundindo na grande nevrose do seculo, no pessimismo agitado de Rollinat, no estorregar epileptico de Richepin, no desanimar fatalista de Bourget. Por toda parte a litteratura actual transpira esta agitação constante e dolorosa do espirito humano, abatido pela sua contingencia, impotente para resolver os problemas, que continuamente elle se propõe sob mil formas, sentindo cada vez amesquinhar-se-lhe mais a propria concepção de si e das suas forças, o pessimismo emfim.

E como é impossivel pensar em tal assumpto sem entrar pelo mundo slavo todas as vezes que uma rapida inspecção de qualquer producto das litteraturas romanicas revela-nos ao menos laivos de pessimismo, temos necessidade de reportar-nos aos escriptores moscovitas, e nova occasião de verificar a sua influencia, cada vez mais crescente.

Não muitos annos passarão sem duvida, antes que a necessidade de conhecer a lingua russa venha se nos impôr e constituir uma parte essencial da educação litteraria, devendo figurar no programma dos lyceus. Emquanto, porem, isto não se dá, resignemo-nos a familiarisar-nos com o espirito slavo por meio das tradncções, que felizmente vão inundando a França, a Allemanha, a Italia.

O primeiro realista russo, que directamente influiu nos litteratos francezes foi Turguenieff já pela sua amizade e convivencia com alguns delles, especialmente Flaubert, já pela feição particular do seu estylo, mais facilmente assimilavel ao publico francez.

Desde as primeiras obras de Turguenieff até a recente expansão das

de Tolstoi, nenhum outro vulto de estatura igual ou mesmo approximada a destes dous grandes escriptores, conseguiu, como elles, firmar uma reputação européa e occupar um posto entre os encaminhadores da litteratura moderna.

Puchkine, Lermoutoff, Griboyedof, quando foram conhecidos no occidente, já o byronismo declinava, e só poderam revelar a pujança, com que o scepticismo romantico, florescera na Russia. Gogol não fora mais do que uma brilhante phase da transição para o realismo possante, o espirito eminentemente moderno d'aquelles grandes vultos.

Recentemente á sombra desses grandes nomes, as obras do finado Dostoievsky, Gontcharoff e Pisemsky são freneticamente tradusidas.

Ha, porem, um romancista, já desde uns dez annos acclimado em França, que está no caso de ter menção particular e quiçá de ser estudado previamente por aquelles, que desejarem travar conhecimento com a litteratura slava.

Não é um moscovita, escreve em allemão, comquanto filho da Gallicia e de espirito profundamente slavo. É quasi ocioso dizer que o Sachier-Masoch.

Discipulo fiel e intransigente de Schopenhauer, Sachier-Masoch, representa o pessimismo puro e genuino, o que se poderia dizer orthodoxo.

Depois de conhecê-lo, então poderemos procurar as diferentes nuances dos realistas russos.

Longe de cogitar reformas, como Tolstoi, sem se preocupar dos processos realistas recommendados por Zola e seus adeptos, que elle cordialmente detesta e de quem timbra em affastar-se, apesar de alguns leves pontos de contacto, Sachier-Masoch parece cogitar unicamente de revelar os costumes do seu paiz e essa philosophia popular, caracteristico do slavo e esforça se para mostrar quão profundamente arraigadas estão as suas concepções no espirito dos habitantes das steppes — esses budhistas da Europa, como já foram chamados. Por isso, apesar da preeminencia, que em suas narrativas dá á descripção, não tem escrupulo uma ou outra vez em traduzir particularmente nas suas primeiras composições, chegando até, como em *Don Juan de Koloméa*, *Frinko Balaban* e outras novellas, a tran-

acrever, quasi litteralmente, longos periodos do *Mundo como Vontade e Representação*.

Analysar as concepções de Sacher-Masoch, os seus pontos de vista, seria analysar Schopenhauer.

Considerar a vida como um composto de soffrimentos, duvida, angustias, desespero, o amor como um mal peor do que a vida, por isso que é o seu prolongamento ou a victoria della sobre a unidade soffredora—o homem, que reconhecendo a um mal, é arrastado fatalmente a produzir novas victimas para ella; eis os seus pontos de partida.

O amor é uma guerra entre os sexos, uma luta, que a natureza, a nossa maior inimiga, nos impõe fatalmente para que subsistam sempre as dores, os soffrimentos—o *Weltschmerz*. A mulher só vive do amor do homem e para elle; é esse o unico alvo da sua vida. Resulta d'ahi que duas mulheres são sempre como dous officiaes do mesmo officio.

Toda resistencia contra a natureza é vã; seremos sempre victimas d'ella; só nos resta pois cumprir cada um, conscienciosamente e com satisfação o seu dever.

Vê-se, pois, que o realismo de Sacher Masoch está longe, muito longe do chefe francez. Elle mentiria ás doutrinas do grande philosopho pessimista si os seus romances podessem deixar no espirito do leitor a impressão (penosa, acabrunhadora, dissolvente, que deixam os de Zola, e é muito zeloso da philosophia do seu mestre para fazel-o. A impressão que elles deixam, é justamente essa melancolia suave, essa tristeza profunda, porem calma, que caracteriza os povos slavos e que elle com tanta felicidade assemelha e associa á monotona extensão das planicies orientaes da Europa. O seu impressionismo é eminentemente consolador, como a philosophia de Schopenhauer.

Que o pessimismo Schopenhaueriano é perfeitamente assimilado pelo espirito slavo é cousa verificada e estaria patente na longa lista de pensadores modernos russos e polacos, desde Trentowsky até Gumpowicz, quando mesmo não estivesse ahi o nihilismo, revelando de sobra a sua intima afinidade com o budhismo.

Na continuação destes apontamentos esparsos, veremos na litteratura moderna confirmada a reivindicação, que faz Sacher-Masoch, de Schopenhauer, como o philosopho do mundo slavo. E embora affeçoado particularmente á Austria, embora tenha a alma preta e amarella, como dizem os seus patricios, alludindo ás cores nacionaes, Sacher-Masoch revela-se profundamente imbuido desse pessimismo nacional dos slavos, desse budhismo europeu, que tem produzido a abnegação assombrosa dos nihilistas e os elevadissimos pontos de vista de Tolstoi.

JOSÉ CARLOS JUNIOR.

A IGNEZ

(BYRON)

Não rias, si me vês sombrio e pesaroso ;
Meus labios nunca mais um riso ha de enfeitar :
P'ra sempre te defenda, amiga, o céo bondoso
De um pranto sem consolo um dia derramar.

E vens me perguntar que dor secreta e funda
A flor da mocidade emmurchecer me faz ?
Ah! deixa este pesar, que o coração me inunda,
Embalde alliviar tal pena buscarás.

O amor já não me abraza, a raiva não me excita,
Nem são de gloria vã perdidas ambições,
Que fazem-me odiar esta vida maldita
E aquillo a que votei mais fundas affeições.

E' triste lassidão, que mata e desencanta
Tudo o que eu posso ouvir, tudo o que eu posso ver
Mesmo a belleza já meu peito não encanta,
Teus propios olhos mal tem sobre mim poder.

Tenho aquella tristeza immensa, que seguia
O eterno caminhar do misero Judeu,
Que nada vendo alem da negra campã fria,
Descanço espera só da morte sob o véo.

Do proprio coração fugir embalde eu tento
E ao mais remoto clima azylo vou pedir ;
Vae commigo um demonio atroz—o pensamento,
Sempre a me torturar, sempre a me perseguir.

Quantos desfructam hoje o gozo mais fagueiro,
Immersos no prazer, que outr'ora já gozei !
Dure esse gozo mais que um sonho passageiro,
Não venham dispertar como eu já dispertei !

Minha sorte é vagar, vagar, sem que descance,
A recordar sem tregua um passado de horror.
Só tenho por consolo o ver que, em todo o transe,
Inteiro já vasei o calice da dor.

Qual a dor que me punge ? o que eu tenho soffrido ?...
Cessa por compaixão, cessa de interrogar !
O humano coração conserve-se escondido !
Si o desvendasse, o inferno iria revelar.

BRUNO JACY.

O JUSTO

“A hora se approxima... A noite principia.
“O' doce filha minha, achega-te ao meu peito ;
“Eu quero conduzir na frente nua e fria
“Um casto beijo teu”. . Depois, calmo, perfeito

Abraça ternamente a virgem lacrimosa
E diz-lhe suspirando: —“Eu sei que vou morrer ;
“No entanto me pa ee agora reviver
“Noutra esphera melhor, serena e luminosa.”

—“O' pae, diz-lhe a donzella, um ultimo favor
“Eu venho te pedir... Consente que um pastor
“Em preces te encaminhe aos páramos dos céos.”

O velho moribundo erguendo os olhos baços,
Ao manto do infinito, aos limpidos espaços,
Morrendo replicou:—“Eu creio em ti e em Deus !”

Fortaleza—1887.

J. MARTINS.

O PAPAGAIO (')

Ha de diversas especies: o cinzento de Guiné, verde ou kiruba, amazona, colleirado. Rienzi no principio de sua obra sobre a Oceania nos falla tambem no preto da Polynesia, e Caldas Aulette no seu «Dic. Contemp. da Ling. Port.», sempre cheio de novidades, nos falla igualmente em uma especie inteiramente desconhecida—papagaio do mar, ave palmipede aquatica! Devido a certo arteficio, quando pequenino, consegue-se o contrafeito, de cor linda. O amarello, do bico branco, pode-se dizer caso esporadico no genero.

E' a ave mais conhecida de todo mundo, tanto pela antiguidade, como ubiquidade e extraordinaria celebridade, particularmente do cinzento de Guiné, que entre nós corresponde ao verde, aquelle a que se refere a inusa popular:

Papagaio louro
Do bico dourado,
Leva-me esta canção
Ao meu namorado;
Elle não é frade,
Nem homem casado:
E' mocinho solteiro,
Lindo como um cravo. (2)

Na antiga Roma, refere P. Posser, «Maravilhas da Creação», pag. 153, o papagaio já era tão apreciado que figurava nos banquetes dos Imperadores, os homens traziam-no no dedo, e era tractado por creados especies que, entre innumerables cousas que tinham de ensinar-lhe, não deixavam de fazel-o aprender o nome de Cezar.

Alexandre o Grande, quando foi á India, já lá encontrou papagaios domesticados, d'entre os quaes trouxe um, que celebrisou-se na historia; ao mesmo tempo q' Christovão Colombo, ao aportar á America, já os encontrou igualmente!

Na America o padre Simão de Vasconcellos refere a lenda entre os indigenas—de que o paiz fora descoberto pelos dous irmãos Tamarandá e Aricuti, mas brigaram e tornaram-se irreconciliaveis—por causa de um papagaio muito fallador—que um tinha e que foi invejado pela mulher do outro; pela que Aricuti foi povoar o sul—Buenos-Ayres, Chile e Perú (Chronica da Companhia de Jesus, Liv. 1.º n. 75, pag. 79). Esta mesma lenda Porto Alegre colligiu no seu «Colombo», Vol. 2.º, Cant. 29, pag. 260:

No centro estava figurando
A familia loquaz dos papagaios!
Pelo bico revoltado dialogando
Em rude metro memoram lendas!
Ouviu-se a causa das perpetuas
(guerras,

Dos ciumes innatos entre as aves;
E o como em tempos das primevas

(tabas
Deu causa um papagaio à luta e ao
/odio
Que a tribu separou, ficando imigos,
As crenças decompondo, a lingua e
(usos.

Não é menos singular outra lenda attestada por escriptores de criterio,—de, entre os Maypuras viver um velho papagaio que elles diziam não o comprehenderem por fallar a lingua dos Aturés! («Tableaux de la Nature», Tom. 2.º, pag. 230, 1.ª ed.) E Gonçalves Dias não duvida acreditar que esse velho papagaio fora o unico depositario do idioma dos mesmos Aturés. («Brazil e Oceania, Obras Posthumas», Vol. 6, pag. 273.)

Nem faça duvida a longevidade do papagaio; pois L. Fignier assevera que «As Memorias da Academia das Sciencias de Pariz» mencionam um papagaio, que pertenceu á familia do Gram-Duque de Toscana, e viveu em Florença mais de 110 annos.

O papagaio, diz ainda Pedro Posser, tem memoria, tino, astucia e reflexão; tem consciencia de sua individualidade; é orgulhoso, valente e affectuoso; até mesmo terno para com as pessoas que estima. Pode delle dizer-se que é fiel até a morte e racionalmente grato. Consegue com perfeição imitar a voz humana e repetir as palavras, no que excede todos os outros animaes, e por vezes ultrapassa tudo quanto é verosimil. Não palra, falla, e sabe o que as palavras exprimem (Obr. cit. pag. 152; ou como disse Durão no seu «Caramurú», Cant. 7, Est. 6:

Vão pelo ar loquazes papagaios,
Como nuvens voando em copia in-
(gente.
Iguaes na formosura aos verdes
(Maiois,
Proferindo palavras como a gente.

Como a gente profere as palavras, esse dom celeste, diz José de Alencar, que Deus deu ao homem e recusou a todos os outros animaes, a mais sublime expressão da natureza, que revela o poder do Creator e reflecte toda a grandeza de sua obra prima!

Por isso o celebre naturalista allemão Brehn chamou-o—ave-homem,—acrescentando: «Não é acaso ou capricho, é a justa apreciação do seu merito que me leva a conceder-lhe o logar de honra.»

O mesmo Brehn e Lenz fallam do papagaio Jaco de um modo a causar verdadeiro pasmo! Em 1830 pertenceu ao mestre de cerimoniaes da cathedral de Trieste, Hanikl, que cuidou de sua educação e chegou a desenvolver-lhe superiormente as faculdades. Excitou o espanto geral um artigo que o Conde Gourcy-

Droitaumont publicou acerca desta ave, artigo esse que foi completado pelo presidente Kleimayrn, a pedido de Lenz, ultimo proprietario de Jaco.

Demos a palavra a Pedro Posser para contar as maravilhas incriveis que operava esse papagaio:—

«Jaco reparava em tudo, e tudo apreciava, respondendo com acerto ás interrogações, obedecendo as ordens que lhe davam, saudando as pessoas que chegavam e as que se retiravam, tendo o cuidado de dizer:—bons-dias—de manhã, e—boas-tardes—à tarde. Quando tinha fome pedia de comer. Conhecia todos os membros da familia pelo seu nome proprio, e alguns mereciam-lhe preferencia. Se era a Kleimayrn que se dirigia, dizia-lhe:—«Anda cá, papá». Cantava, fallava e assobiava como um homem. Por vezes parecia um improvisador discursando, a quem o entusiasmo arrebatava, e dir-se-ia ouvir à distancia a voz d'um orador.

«Quando lhe perguntavam: como falla o cão, ladrava. Se lhe diziam: chama-o, assobiava. Por vezes ao fazer exercicio dava as vozes—Santido! hombro armas! preparar! apontar! fogo!—e quando dizia fogo fazia immediatamente—pum! e acrescentava:—bravo, bravissimo. Mas como algumas vezes se esquecia da voz de fogo, não acrescentava então ao pum as palavras bravo e bravissimo, como tendo conhecimento de que praticara um erro.

«Se via pôr a toalha na mesa, ou se n'outro quarto ouvia o ruido dos pratos, gritava logo: Vamos comer, vamos para a mesa. Se o dono sahia só, ao vel-o abrir a porta, gritava-lhe: Guarde-o Deus. Mas si ia acompanhado, dizia sempre: Deus os guarde a todos.

«O dono do Jaco tinha uma perdidiz, e a primeira vez que o papagaio a ouviu cantar virou-se para ella e gritou-lhe:—Bravo, pequena, bravo!

«Em Vienna ensinaram-lhe a cantar uma aria da Martha.

«O presidente Kleimayrn morreu em 1853. Jaco adoeceu de pezar. Em 1854 collocaram-no n'uma pequena almofada, e tratavam-no com o maior carinho. Ainda fallava e reletia com a voz triste: Jaco está doente, está doente o pobre Jaco! E assim morreu (Obr. cit. pag. 155).

Levaillant tambem conta o seguinte de um papagaio que viu em casa de um commerciante em Amsterdam:

«Chamava-se Carl e fallava como Cicero. Tudo quanto lhe ouvi, discursos inteiros, que me repetiu sem faltar uma syllaba, seria materia para um livro.

«A voz do dono trazia o barrete de dormir e as chinellas; chamava a criada si careciam d'ella. O seu pouso favorito era na loja, onde era bastante util; porque si alguém en-

trava, não estando o dono, chamava-o até que elle ou alguém apparecesse.

"Tinha excellentissima memoria e sabia phrases inteiras em hollandez, e se aos 60 annos começou a perder a reminiscencia, e a pouco e pouco foi esquecendo o que sabia."

Goldsmith tambem refere que o rei Henrique VIII tinha um papagaio preso n'um quarto, cujas janellas davam para o Tainisa, donde veio a aprender algumas phrases repetidas pelos marinheiros. Um dia que a ave cahiu de uma das janellas ao rio, gritou:—Um bote, venha um bote! vinte libras a quem me salvar!

Um barqueiro, a quem estas palavras fizeram suppor que alguém cahira no rio, correu apressadamente e grande foi a sua surpresa vendo que era o papagaio! Mas, reconhecendo o ser do rei, salvou-o; e o rei, depois de rir-se do caso, pagou ao barqueiro as 20 libras que lhe havia prometido o seu papagaio.

Lemaout igualmente narra que na cidade da Normandia um moço despiadado tanto bateu n'um filhinho de 5 annos que o matou. A justiça humana não lhe tomou conta do barbaro assassinato, mas o papagaio de um sapateiro defronte tomou a seu cargo castigar a mãe desnaturada. A toda hora repetia as palavras angustiosas da criança, quando era castigada:—Porque me bate? porque me bate? E com tal assentado de dor as proferia que afinal de contas os transeuntes vieram a saber do facto, e a mulher teve de retirar-se para evitar a indignação publica!

Agora vamos ao meu papagaio nosso; mas, para evitar nos suspeitas, ouçamos a João Locke, philosopho profundo e mihi grave escriptor, no seu importante trabalho—"Ensaio sobre o Entendimento Humano":—

"O principe Mauricio, governando o Brazil, ouviu fallar tanto d'um papagaio do sertão que instou por que lho trouxessem à sua residencia. Assim que a ave entrou na sala, onde o principe estava com seus officiaes, gritou logo em lingua portugueza:—Que gente branca está aqui?—Um hollandez, que sabia portuguez, perguntou-lhe apontando para o principe—que homem é aquelle? E o papagaio respondeu:—Alguém general. Mauricio chegou-se para elle, e disse ao interprete que lhe perguntasse donde vinha?—Do Maranhão, respondeu a ave. Continuou a conversar com as seguintes questões:

—Quem é teu amo?

—Um portuguez.

—Que fazem em casa de teu amo?

—Cuidar nos pintos.

Pesaram todos com respostas tão promptas, mas a ultima foi geral a gargalhada; o papagaio, porem,

comó se apercebesse, retrocou logo.

—Sim, senhor, sei cuidar nos pintos; e poz-se a cacarejar como a gallinha que chama os filhinhos!"

Diz Locke que a pessoa que referiu-lhe este dialogo affirmou-lhe tel-o ouvido do proprio principe, que observou que ainda que elle não entendia o portuguez, comtudo estavam presentes muitos hollandezes, que o sabiam, e brazileiros que sabiam o hollandez; e, interrogados particularmente, concordaram todas nas respostas. (Vid. "Panorama", Vol. 4, 1840, pag. 3).

Não tem, portanto, razão Aimé Martin para dizer que a educação civilizada não repete pensamentos como o papagaio repete as palavras, *sem lhes perceber o sentido*. (Educação das Mães de Famílias, pag. 164.)

Agora, pergunto eu, depois de autoridades e testemunhos tão importantes, se poderá mais escarnecer de innumeradas anedoctas attribuidas ao papagaio cearense? Algumas podem ser inventivas, mas outras exactas, todas provaveis ou possiveis.

Estas eu garanto:

Uma senhora respeitavel desta capital, tia do major Joaquim Feijó, teve, ainda não faz muito, um papagaio, que dizia com todo o desembaraço e explicadamente:

Papagaio brasileiro,
liberal e publicano,
aborreço a monarchia,
detesto ultramontano.

Ao dizer-se-lhe—Viva o Dantas,— elle gritava logo—Viva o Nabuco! E si lhe dissessem—Viva o Nabuco,— elle gritava—Viva o Dantas!—e fingia logo em seguida tal e qual o ronco, subida e estouro do foguete ao ar!

Este papagaio foi mandado de presente ao commendador Iclirerico Pamplona, na côrte, e esteve em exposição por muitos dias na rua do Ouvidor.

Eu tambem possuo um papagaio, presente que me fez o capitão Antonio Gonçalves, da Varzea-Alegre, que resava o "Bemdito" perfeitamente; arremedava tão bem a gallinha choça que custei a dissuadir-me do engano. Quando ouvia fallar-se mais alto com um criado, gritava logo:—Diabo sem vergonha,—como que reprehendendo, ou activando-o.

Este papagaio dei-o de presente ao meu cunhado e amigo Dr. João Franklin de Alencar Lima, na Côrte, que penso o offereceu à Exm.^a Marquiza de Paraná.

Mas não foi somente o papagaio—animal que tornou-se celebre: este com effeito tornou-se celebre até nas nossas pendencias diplomaticas, onde figura Portugal no reinado de D. João II, chamado "O principe perfeito", em risco de quebrar

suas relações amigaveis com a França, porque na restituição de umas presas por Carlos V. faltara um papagaio! (Vid. Monte Verde, "Manual Encyclopedico", pag. 555.)

Mas não menos celebre tornou-se o papagaio—brinquedo de creanças; porque, graças a este, chegou o grande Benjamin Franklin à descoberta do pára-raio por via da electricidade, um dos maiores prodigios deste seculo, e a merecer de Turgot este esplendido e merecido elogio:

*Eripuit celo fulmen
Sceptrum que tyrannis.*

(Arrobatou do céu o raio e dos tyranos o sceptro.)

PAULINO NEGREIRA.

(*) Lacerda no seu «Dic. da Ling. Port.» diz que esta palavra é americana; Varnhagen na sua «Hist. Ger. do Braz.» Tom. 1.^o, pag. 185—que é africana; e Moraes no seu «Dic. da Ling. Port.»—que é derivada do arabe—papagai; no que estou mais de accordo, pois é mais natural.

(2) No *Globo*, da Côrte, de maio de 1875, sob a epigraphe—"Poesia Infantil", foram publicados esse e outros versos, do mesmo genero, em forma de collecção, trabalho attribuido ao grande juriscônsulto brasileiro Teixeira de Freitas!

ABYSSMO...

E's um abysmo! Em teu seio
Vertigens, prantos, enleio...
A dôr, a febre, o delirio...
A morte após o martyrio!

Ver-te basta—nada mais!
Fascinado o caminheiro
Por teus olhares fataes...
Eil-o, vae... corre ligeiro
Para o teu seio fragueiro,
Qual na corrente o madeiro
Para a voragem arrastado...
Ou como gemente alado
Muitas vezes no vergel
Dominado busca tremulo
A serpe linda e cruel!

Qu'importa que em ti, abysmo,
Veja a morte o desditoso?
Que no teu collo mimoso
Se occulte lethal veneno?
E o desespero no riso...
E zelo e magua no olhar?
E a embriaguez dos sentidos
Nos cabellos, nos vestidos...
Delirio, penas, gemidos
Nas phrases de teu fallar?
Qu'importa, sim, oh! que importa?
Si é melhor em ti a morte,
Ai, do que a vida sem ti?...
Si é meu destino buscar-te
Embora fujas de mi?...
Si é meu destino lançar-me,
Nocturno insecto, nas chammass...
Logo abraçar-me e morrer?

Hei de amar-te, pois, e sempre...
 Embora sempre a gemer!
 Como a sombra de teu corpo
 Que não te larga jamais...
 Hei de assim acompanhar-te!
 Nauta em mares de tormenta,
 Que importa a vaga fremente,
 É a penedia ou torrente?
 Lutarei sempre tenaz!
 Debalde, pois, tu me foges
 Com teus sorrisos mortaes!

Debalde! que és meu destino,
 Funesto abysmo! E em teu seio,
 Vertigens, prantos, enleio...
 A dôr, a febre, o delirio...
 A morte após o martyrio!..

J...

OS QUINZE DIAS

Esta secção tem o dever de começar do principio. Pode parecer exquisito, mas é inevitavel.

Registremos, pois, o facto culminante dos quinze dias — a kermesse.

O Ceará, em que pes aos maldizentes e aos pessimistas, tem esta superioridade incontestavel — o poder de assimilação desenvolvido em proporções inalcançaveis por outros povos, mais vantajosamente armados para o certamen da vida.

Si não houvesse factos anteriores que dão a este asserto cunho irrefutavel de verdade evidente, a kermesse, ideada, pensada, discutida, preparada e realisada em duas semanas, bastaria por si só para provar a justesa delle.

Pensaram na kermesse os que conheciam a cousa, realisaram-na os que em tal cousa só tinham ouvido fallar muito accidentalmente, mas com uma mestria, uma pericia, que daria honra a hollandezes, proffissionaes em kermesses e empresas similares.

Intuição, verdadeira intuição do bom e do bello, eis como se explica o successo enorme, maravilhoso, da nossa primeira tentativa.

As senhoras e o povo, dous elementos fundamentaes, indispensaveis, porem de jogo delicadissimo, de emprego difficil e arriscado, foram postos em contribuição, com uma facilidade que, comparando qual, só se podia esperar de combinações mechanicas, tal foi a facilidade com que deslisaram em suas orbitas respectivas essas duas difficilimas engrenagens do pasmoso engenho do universo — o povo e a mulher.

Para nós a kermesse tem muito mais valor probante em favor da vitalidade do Ceará do que os balancetes do thesouro, que no dia 3 de setembro a chegar, tem de consignar a preapplaudida declaração solemne de que — não devemos nada a ninguem.

E dispensem-nos de demoralizar-o que é perder tempo util e precioso.

Nota especial merecem os intuitos que conduziram a sociedade em geral, da primeira á ultima camada, a despejar nas bolsas das kermesseiras as bellas notas do thesouro tiradas de aristocraticas carteiras de couro da Russia e o vintem magro e sebos guardado em largas algibeiras de blusa operaria, de mistura com o lenço de Alcobaça e o cigarro pardo e fetido de uso do jornaleiro: — levantar um monumento, o primeiro monumento que o povo cearense levanta, não por vaidade bairrista, mas por altruismo patriotico.

Paga-se uma grande divida nacional, não se rende culto á presumpção egoistica de campanario.

O Brazil deve muito mais a Tiburcio do que o Ceará.

Si é este quem toma a si saldar o debito da gratidão d'aquelle, é que o Ceará passa de ouvidos cerrados atravez

das murmurações e das pragas, sem olhar para os garotos que o lapidam aqui, sem ver os sicarios que acolá lhe armam emboscadas, ouvindo só o clarim da gloria que seduz, vendo exclusivamente as roseas cortinas do horisonte immenso, onde passa o cortejo do bem, a procissão das grandes virtudes.

Ser grande assim foi a enorme força de Jesus.

Crucifiquem-nos, tambem; porém não nos procurem depois na sombra do sepulchro.

Pela patria sugaremos o fel de todas as esponjas; pela gloria ensoparemos de sangue os cravos de todos os supplicios; mas, quando a guarda feroz da inveja e do despeito quizer arrancar-nos o corpo de martyr ás camaras negras do seio do Golgotha, para expol-o á profanação dos corvos, as azas brancas da posteridade tel-o-ão depositado nos altares do pantheon dos immortaes.

Consolemo-nos na convicção dos estimulos sagrados que nos incitam, e, com os olhos cravados no marmore purissimo do pedestal, onde vae repousar a figura do nosso melhor guerreiro, elevemos á patria o hymno do nosso amor, junto com a prece ao Deus dos exercitos para que á terra do Brazil não falem nunca Tiburcios que a saibam ennobrecer e glorificar.

O monarcha brasileiro está a banhos em Baden-Baden, onde tem passado bem de saúde, muito obrigado.

Nas horas vagas o imperador faz sonetos ruins, a que a reportagem da comitiva atira-se como gato a bofes, e pensa na solução do problema da navegação aerea, com que S. M. pretende abreviar as distancias e supprimir o enjôo.

Em quanto a isso os meetingueiros da cõrte fazem caretas ao throno e dão vivas ao exercito, quando a cavallaria do mesmo exercito faz evoluções, de sabre desembainhado, cavallos mordendo o freio e levantando a pata sobre o lombo curvo da multidão que corre com o entusiasmo recalcado nas cavernas do peito e as canellas destendidas em vertiginosa desfilada, rua á fóra.

A nação toma banho tambem, como o dono da nação, com uma differença apenas: o rei lava nas aguas thermaes, o resquicio que lhe ficou d'aquella exquesita molestia chamada—estado satisfactorio, em quanto a nação banha-se... em pranchadas de sabre, para lavar-se da hedionda nodoa de querer considerar livres os pretinhos illegalmente matriculados em Campos.

S. M. accorda no coração dos chronistas europeus as cordas mais brandas e sono as do elogio, enquanto seu povo, o que foi creado a brincar nos degraus do throno, accorda, na consciencia da gente seria, a lastima, a decepção e o tédio que podem inspirar arruaças e gritarias mais ou menos descompassadas.

A crise...

Ahi tem os Srs. um pratinho rico, que tem feito as delicias dos pequenos que vendem os jornaes da tarde, ha bem tres quinze dias.

Invariavelmente, quando o sol descamba e os empregados publicos sahem apressadamente de suas bancas poeirentas em busca da magra sôpa quotidiana, grupos mais ou menos insignificantes, encostam-se preguiçosamente ás portas das barbearias e ás vitrinas das lojas de modas. E a

crise é invariavelmente o thema obrigado da palestra.

A julgar pelo que affirmam estes flanadores e as agencias telegraphicas das folhas quotidianas, nada menos de seis vezes havia já dado de cambias a geringonça que fez dous annos a 20 deste corrente mez asiago e que o Sr. de Cotegipe mantem perfeitamente equilibrada entre a confiança da cora e o voto quasi unanime da camara temporaria.

Entretanto, quando, com a mais santa ingenuidade, esperam os alviçareiros a bonova de um ministerio presidido pelo Sr. João Alfredo, um messias inventado do pé para mão, pela necessidade de uma qualquer cousa que preencha a falta de homens no paiz, sahe-nos a Agencia Havas com a noticia de um banquete e baile dado em honra e commemoração da ascensão do partido conservador, o mesmo por cujo eterno repouso tanta gente se preparava para resar multidão de terços e coroas.

Portanto, si crise houve, foi nas capociras de perús, sacrificados ao entusiasmo pantagruelico dos situacionistas em banquete commemorativo

E fóra isso nada mais que conste, e, que constasse, nada mais que possa ser incluído nestas notas em desalinho, porque... acabou se o espaço.

J. L.

Sciencias naturaes

A LUZ

A physica tem tambem a sua historia. Os antigos pouco a conheciam e porisso acreditavam immensa a sua esphera. Assim a astronomia, a chimica, a historia natural

augmentavam o campo d'aquella sciencia até que estudos mais profundos, conhecimentos mais sérios a separou das outras sciencias. Os escriptos de Aristote, Plinio, Seneca, provam que em seu tempo o estudo da physica se resumia a descrições de phenomenos que se passavam no solo, na atmosphera, descrições estas incompletas e as vezes inexactas, como tambem tentativas explicativas d'aquelles phenomenos, mas sem valor.

Não conheciam o methodo experimental, contentavam-se com a observação dos factos, porém uma observação toda incompleta.

Nunca pediram a experiencia a confirmação do que observavam. As suas pesquisas não se baseavam na analyse experimental, explicavam tudo conforme as exigencias de suas concepções puramente idéas, e queriam assim penetrar nos mysterios da natureza!

De utopia em utopia pretendiam chegar ao descobrimento das leis immutaveis que regem o mundo material.

Admittiam os phenomenos que observavam a causas occultas e não procuravam estabelecer uma serie de observações, de experiencias escrupulosas que lhes orientassem a dependencia mutua dos phenomenos, suas relações com os egentes phisicos.

Os philosophos da idade media não foram mais felizes que seus antecessores. Tinham laboratorios, repetidas eram as experiencias, mas a physica não progredia, pois elles inteiramente dominados por chimericas concepções, esterilizavam todo o trabalho, a grande somma de esforços á realisacão de uma utopia, a sonhada *pedra philosophal*!

Não pode-se dizer que foram absolutamente improficuos os seus tentames, a alchimia tirava do cadinho, da retorta, não o almejado ouro, mas uma nova substancia, um corpo desconhecido e assim enriquecia a industria, dotava a chimica com mais um metal, um metalloide. Foi assim que Brandt descobriu o phosphoro.

Os utopistas ainda hoje procurariam alcançar a *transmutação dos metaes* si o progresso da sciencia não os convencesse de que elles eram sonhadores de vãs chimeras!

A base do estudo da physica foi então lançada e os laboratorios convertidos em escolas do methodo experimental, cujas leis Bacon dictou em uma celebre obra o *Novum organum*.

O systema analytico alargava todos os dias o campo das descobertas e cada seculo que passava registrava grandes inventos devidos ao methodo experimental.

E' assim que Gallileu escreve as leis do pendulo; Descartes publica a sua dioptrica; Pascal lança as bases da hydrostatica em um livro so-

bre o equilibrio dos liquidos; Newton publica um tratado de optica e tão importante n'aquella epoca que illustrou o seu nome.

Os limites da physica estavam traçados; as outras sciencias naturaes haviam se separado d'ella e constituam cada uma um ramo especial, uma sciencia distincta. Entretanto, os conhecimentos dos illustres physicos d'aquelle tempo estavam muito longe da physica moderna!

As descobertas se multiplicaram e com ellas a publicação de novos livros.

Alguns seculos se passaram para que viesse a luz a primeira obra completa de physica, a qual se deve a Biot e foi publicada no começo deste seculo. O illustre naturalista traçou então um novo itinerario à sciencia, indicando aos que deviam segui-lo as lacunas a preencher e os elementos a congregar para novas descobertas.

D'essa epoca aos nossos dias a physica, como todas as sciencias naturaes, progredem, offerendo à humanidade inventos tão estupendos como a telegraphia electrica etc.

Fazia um retrospecto d'aquella sciencia observando um phenomeno physico que se passava sobre a minha banca de estudo. Era a imagem do *espectro solar* produzida por um raio de luz atravessando um pingente do lustre e que desenhava-se sobre um bouquet de bugaris que eu havia colhido pela manhã no jardim. O espectro coloria as flores brancas de furta-côr, e eu me entretinha em vel-as quando fui sorprendido por minha companheira.

—Namoras as flores, meu amigo?

—Observe um phenomeno physico.

—Onde?

—Sobre os bugaris.

—Deveras, estão lindos!

—Têm as cores do iris. A luz solar atravessando o pingente, que é um prisma de crystal, decompoz-se e formou a imagem que vês, com sete cores, ou *espectro solar*. As cores são, como estás vendo, azul, vermelha, verde, laranja, amarella, indigo e violeta.

—E a luz do sol não é branca, e como dizes que ella é composta de tantas cores?

—A luz é um agente physico que produz em nossos olhos impressões chamadas luminosas. Algumas hypotheses tem sido apresentadas para explicar a luz. Newton considerava-a um fluido imponderavel de uma velocidade extraordinaria. A physica moderna julgou erronea aquella hypothese da emissão e admittiu a *hypothese das ondulações*. Isso é, "que a luz é o resultado de movimentos vibratorios excessivamente rapidos dos corpos luminosos, propagando-se ao olho por intermedio de um fluido muito subtil

que se supõe encher o espaço e se chama ether".

—E como poderam provar que a luz do sol tinha tantas cores?

—Pela recomposição do espectro solar. Si recebermos aquelle espectro sobre um prisma de crystal, tendo o mesmo angulo de refração, mas voltado em sentido contrario ao primeiro prisma que decompoz a luz, veremos que o espectro atravessando o segundo prisma não produz mais uma imagem com as cores do iris e sim a imagem branca do sol. Ha ainda um experiencia simples, que prova a composição da luz solar: é o disco colorido de Newton. Toma um papelão e corta um disco de 30 centímetros, pinta de preto os bordas e o centro e depois no espaço que ficar por pintar colla tiras de papel colorido de vermelho laranja, amarello, verde, azul, indigo e violeta, indo do centro para a circumferencia, de maneira a imitar circularmente cinco espectros successivos pela côr das tintas e pela extensão relativa. Prompto disco si por meio de um eixo imprimires n'elle um movimento rapido de rotação, a retina receberá simultaneamente as cores do espectro e o disco te parecerá branco.

—E a sciencia só tirou do espectro essa utilidade?

—Não, tu não imaginas essa simples descoberta que horizontes abriu! O homem servindo-se d'ella foi ao desconhecido e sem sahir do seu laboratorio viu muitas cousas que uma distancia infinita occultava de seus olhos. Por seu intermedio conheceu a mineralogia de mundos infinitamente distantes de nós, infinitamente digo, porque innumeros d'elles a sua distancia não pode ser determinada pelos algarismos, não ha cifra que a represente! A constituição dos astros no começo d'este seculo era uma utopia e tornou-se uma realidade! O sol, a nossa fonte de luz mais importante, está distante de nós quarenta milhões de leguas e quem diria que o homem pudesse conhecer a sua mineralogia?! Mas a sua intelligencia associou-se ao estudo, a observação e à experiencia e um dia a sciencia venceu a distancia, desvendava o desconhecido e estupefacta exclamava: o sol tem *ferro, calcium, magnesium, sodium, chromo, nickel, manganese e hydrogeno*!! Desapparecidas as distancias, a sciencia conhecia a mineralogia de outros mundos cuja distancia os algarismos são insufficientes para representar. Mas a sciencia conta sempre.

—E como, sem algarismos?

—Precisavam de uma unidade e essa unidade foi a luz, que caminha oitenta mil leguas por segundo. Assim, para determinar a distancia da estrella polar, a mais proxima de nós, a sciencia diz que para vencer

o espaço que nos separa d'ella a luz gasta cincoenta annos de um curso veloz, de um curso de oitenta mil leguas por seguido!

—E as mais distantes, então?

—A sciencia conta sempre. Os astros não se limitam às myriades que vemos scintillar no espaço. São mais numerosos talvez que os grãos de areia das margens do oceano! E entre esta infinidade de mundos, mundos ha que a luz para vir d'elles a nós gasta seculos, e ainda outros que a luz caminha desde a criação e agora é que nos chega ou chegará amanhã. Assim quantos astros mortos ou desapparecidos nos mandam ainda sua luz!

—E a luz solar que tempo gasta para vencer a distancia que nos separa do sol?

—Oito minutos e treze segundos.

—E a luz que nos vem do sol influe na côr dos corpos?

—Os corpos não têm côr.

—Como assim? então a cal não é branca? o anil não é azul?

—A cor do corpo depende da decomposição da luz e do raio reflectido. Os corpos são opacos como a madeira, ou transparentes como o vidro. A cal apresenta uma côr branca porque reflecte todos os raios do espectro em suas proporções naturaes; o carvão é negro porque não reflecte nenhum raio do espectro, absorve todos; as folhas das arvores são verdes porque reflectem o raio verde do espectro e absorvem todos os outros, e assim por diante. Para te provar que a côr do corpo depende da côr do raio reflectido do espectro, não é preciso mais que te lembrar uma simples experiencia. Leva a uma camara escura flores de diferentes cores, depois illumina-as com lampadas de alcool cujas mechas contenham sal de cosinha e verá que todas as flores, vermelhas, verdes, azues etc., se apresentarão coradas de um amarello esverdeado.

—E a luz da lampada não era composta?

—Não, era simples. Não podia haver decomposição e por isso as flores apresentaram o mesmo colorido.

—E como ha corpos cuja côr não é nenhuma das do espectro?

—Todas são formadas pelas cores do espectro, os diferentes coloridos, os diferentes tons, são devidos a combinações das sete cores fundamentais.

—E as cores do arco-iris não são as mesmas do espectro solar?

—Exactamente. O arco-iris é um espectro solar em pleno espaço. Esse meteor aquoso é o resultado da decomposição da luz solar por pequenas gottas d'agua suspensas nas nuvens.

Concluimos a palestra porque nos vieram avisar que estava servido o almoço.

Alto da Bonança—Julho de 1887.

RODOLPHO THEOPHILO.

ANNUNCIOS

Pharmácia Albano

GRANDE DEPOSITO
DE

Productos chimicos e especialidades pharmaceuticas nacionaes e estrangeiras.

Sortimento completo de homœopathia em tintura, globulos e cartelas. Receitas a qualquer hora. Preços modicos.

36--RUA DA BOA-VISTA--36
CEARA'Motta Vieira & C.^a88--Major Facundo--88
FORTALEZA

Importadores e exportadores.



A QUINZENA

Escriptorio da Re-
dacção

RUA DO MAJOR FACUNDO--56

Todos os negocios relativos à ad-
ministração trata-se comO gerente,
JOSE' OLYMPIO.

CLUB LITTERARIO

56--RUA DO MAJOR FACUNDO--56

Abre-se diariamente das 10 horas
da manhã ás 10 da noite.Acham-se à disposição dos Srs.
socios jornaes e revistas nacionaes
e estrangeiros.LOTERIAS CEARENSES
GARANTIDAS

NOVO PLANO

Extracções todas as semanas, sem transfe-
rencia. Bilhetes à venda nas ca-
sas de Ernesto Vidal, J. Eugenio e na

Thesouraria das Loterias.

LIBERTADORA

48--Rua da Boa-Vista--48

Este immenso estabelecimento sem duvida é o mais notavel na
provincia, e que com o systema adoptado até hoje, de vender com insi-
gnificante lucro, e servir a todos os seus freguezes com rigoroso esmero,
conquistando; assim, a mais plena confiança; recebe-se mensalmente de
Paris o que ha de primoroso em FAZENDAS, MODAS E NOVIDADES.Venda suas mercadorias por preços quasi impossiveis, merecendo
assim a **Popularidade e sympathia** do muito illustra-
do publico cearense,--especialmente das Exm.^{as} Sras.Contando cinco annos de existencia este notavel estabelecimento,
cujas vantagens são aliás reconhecidas por seus proprios collegas, seus
proprietarios não tem poupado esforços para melhorar cada vez mais
o seu systema em proveito geral, tendo sempre sortimento profuso e es-
colhido de tecidos do mais apurado gosto e novidade.

Notre-Dame de Paris

LOJA DE MODAS E NOVIDADES
RUA DA BOA-VISTA N. 41Este estabelecimento se acha mon-
tado com elegancia e luxo, recebe
directamente de Paris, Hamburgo,
Manchester e outras praças da Eu-
ropa, todos os artigos de que se
compõe o seu sortimento, podendo
assim offerecer vantagens nos pre-
ços a todos os seus freguezes.Especialidade em calçados de lu-
xo, chapéos e tecidos, novidades.Enxovas para casamentos e ba-
ptizados.NABOR A. CHAGAS & C.^a
Ceará.

COSTA SOUZA

Especialidades em fazendas mo-
dernas, chapéos, calçados, luvas e
perfumarias finas.Fortaleza
86 A Rua do Major Facundo

ALFARIATARIA

DE

OLEGARIO A. DOS SANTOS

Praça do Ferreira N. 32

Ohras feitas, batinas, capas ro-
manas e um grande sortimento de
obras francezas e roupas por me-
dida.J. WEILL & C.^aA mais antiga casa de JOIAS desta
provincia tem sempre es-
colhido sortimento de tudo que
diz respeito a**Joalheria. Relogios**
de todos os generosCompram sempre ouro ve-
lho e moedas.

73--RUA DO MAJOR FACUNDO--73

CONFUCIO

Unico estabelecimento especia
em artigos para**Uso domestico**Louças, vidros, mobílias etc.
Objectos para viagens, brinquedos
para crianças.

ARTIGOS PARA JOGOS

Utensilios para escriptorios, ba-
nheiros, etc. etc.

59--Rua do Major Facundo--59

GUILHERME ROCHA & C.^a

Drogaria



Drogaria

RUA FORMOZA N.º 71